

Sondagens Arqueológicas no Monte da Ola, Vila Fria, Viana do Castelo (Norte de Portugal)

António Dinis*
Ana Bettencourt**

ABSTRACT:

This article draws upon the recent archaeological excavations at the site of Monte da Ola (Viana do Castelo). This site was disturbed by urban development from 1920's. Then earthworks uncovered important archaeological finds, which are kept in the Museu Municipal de Viana do Castelo. The excavations, integrated in the project *The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC*, corroborated the existence of a cemetery dating to the Bronze Age.

1. INTRODUÇÃO

Em 1932, na sessão de 9 de Junho¹, Afonso do Paço, a pedido de Tomás Simões Viana, deu a conhecer à Secção de Arqueologia Pré-Histórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses o aparecimento de três vasos de cerâmica “de rebordo horizontal que se achavam quasi à superfície”, no lugar denominado Monte da Ola, na freguesia de Vila Fria, concelho de Viana do Castelo. O achado, ocorrido no ano de 1929, teria passado despercebido aos jornais e estudiosos locais², facto que justificará o tempo que decorre entre a descoberta e a divulgação junto da comunidade científica de então.

Na homenagem a Martins Sarmento, por ocasião do centenário do seu nascimento, Afonso do Paço (1933) refere o desconhecimento das “condições de jazida” do achado e publica, pela primeira vez, um dos vasos do Monte da Ola, o único exemplar que se preservou e que se encontra, actualmente, em exposição no Museu Municipal de Viana do Castelo. No âmbito de um estudo sobre “necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende”, este recipiente foi publicado em pormenor por Teresa Soeiro (1995). Trata-se de um vaso de largo bordo horizontal, de fundo esférico, perfurado junto à base, com

* Mestre em Arqueologia pela Universidade do Porto.

** Prof. Auxiliar da Universidade do Minho.

¹ A sessão foi presidida por Eugénio Jalhay, vice-presidente da Secção de Arqueologia Pré-Histórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

² Na pesquisa realizada nos números publicados em 1929, do jornal vianense “Aurora do Lima”, não encontramos qualquer referência a estes achados.

carena a marcar a parte média da pança sendo a parte superior decorada por três bandas definidas por sulcos incisivos, paralelos e preenchidos por linhas oblíquas impressas. A aba, côncava, é também decorada por sulcos incisivos entre si, e com motivos impressos idênticos aos da pança. Este vaso é provido de asa com decoração incisa e impressa (Fig. 15).

Desconhecendo-se a área exacta de proveniência dos achados assim como o seu contexto arqueológico, os autores traçaram um plano de acção orientado para a resolução daquelas dúvidas. Partindo do plano de trabalhos delineado e dos objectivos definidos, o processo de investigação no Monte da Ola iniciou-se em Fevereiro de 2002 com trabalhos de campo que permitiram cartografar o sítio dos antigos achados arqueológicos e relacioná-los com contextos de natureza sepulcral nomeadamente com três sepulturas rectangulares. Entre os depoimentos recolhidos junto da população mais idosa do local, registámos o relato da Sra. D. Maria Amélia Ferreira da Cunha, nascida em 1921, residente na rua Grande, relativamente a uma sepultura aparecida onde se situa hoje a casa da Sra. D. Graciosa Ferreira, localizada no extremo Sul da avenida do Monte das Olas. Segundo a nossa informadora, os achados ocorreram “quando a Junta começou a dar parcelas dos terrenos baldios aos habitantes mais pobres do lugar”. Durante o processo de arroteamento do monte, os novos proprietários “começaram a escavar a terra para semear e apareceu como uma sepultura com lajes de lousa. Era rectangular, com duas lousas compridas nos lados, uma na cabeceira e outra nos pés e uma tampa. No interior havia uma malga”.

Posteriormente, com o intuito de precisar o contexto cronológico-cultural do sítio, de detectar uma área de povoado conectável com a necrópole e de recolher ecofactos que permitissem contribuir para a reconstituição da paisagem e do homem na bacia do Lima, durante a Idade do Bronze, realizaram-se sondagens arqueológicas cujos resultados são o objecto deste texto.

Estes trabalhos, desenvolvidos durante o mês de Julho do ano de 2003³, inserem-se no projecto “The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC”⁴, financiado com fundos FEDER.

2. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO, AMBIENTAL E ARQUEOLÓGICO

O Monte da Ola, localiza-se no distrito de Viana do Castelo, concelho de Viana do Castelo, freguesia de Vila Fria (Fig. 1).

As coordenadas geográficas segundo a Carta Militar de Portugal na escala 1:25.000, folha 40 - são as seguintes (Fig. 2):

Latitude: 41° 39' 54" N

Longitude: 8° 46' 24" W

Altitude: 50 metros

O Monte da Ola situa-se na vertente Este de uma das colinas que pontuam a planície que se estende do Faro de Anha ao monte de Roques e do rio Lima à ribeira de Mainça, afluente da ribeira de Anha. Segundo as informações registadas e o resultado de prospecções levadas a cabo no local, o sítio arqueológico, hoje totalmente urbanizado com vivendas unifamiliares e pequenos quintais, seria delimitado pela rua do Couceiro, a Norte, a avenida do Monte das Olas, a Sul, a rua Grande, a nascente, e o largo do Monte das Olas, a poente.

³ A escavação contou com a participação de Ana Lavrador, Armando Ferreira, David Caetano e Guilhermina Cadeco, alunos da licenciatura em História - variante Arqueologia, da Universidade do Minho. O levantamento topográfico foi da responsabilidade da Câmara Municipal de Viana do Castelo. Agradecemos à Câmara Municipal de Viana do Castelo e à Junta de Freguesia de Vila Fria todo o apoio prestado à concretização das escavações.

⁴ Este projecto foi aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, em 2001, com a referência 36527/99. Apresentado, no mesmo ano, ao IPA, mereceu aprovação deste organismo.

Na envolvente, já fora do perímetro urbanizado, encontramos alguns campos agrícolas, onde se cultiva milho e batata, e pequenas manchas florestadas de pinheiro bravo, destacando-se, igualmente, a Norte, sobranceiro ao IP 1, um terreno descampado onde afloram alguns rochedos graníticos com marcas de extracção de pedra⁵.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, nº 5 A, na escala 1:50 000, o substrato rochoso da região é composto por granito alcalino de grão médio ou fino a médio.

O acesso ao Monte da Ola faz-se a partir da E.N. nº 13 tomando, ao km 61, a E.M. nº 543 para Vila Fria e cortando à direita na transversal que assinala Monte da Ola.

Na freguesia, as referências a achados arqueológicos pré-históricos são escassas. Apenas conhecemos uma publicação relativa à mamoa de Vila Fria, parcialmente escavada em 1985 e, posteriormente, destruída (SOUSA, 1989). Os dados então exumados não permitem estabelecer qualquer relação entre este monumento e a necrópole do Monte da Ola

3. METODOLOGIA

Circunscrita a área onde ocorreram os achados arqueológicos de 1929 e feito o levantamento dos espaços passíveis de serem intervencionados, atendendo aos constrangimentos causados pela urbanização do local, decidimos efectuar sondagens em três zonas do Monte da Ola (Fig. 3), o sector 1, no interior da área reconhecida, à partida, como espaço ocupado pela necrópole e os sectores 2 e 3, na envolvente próxima:

- O Sector 1 foi aberto num pequeno quintal, pertence a José Augusto Ferreira Fernandes Reis, contíguo ao sítio onde foi encontrado um recipiente cerâmico no interior de uma sepultura. O alargamento da escavação para NE. veio a ocupar o quintal vizinho pertencente a Manuel Dias Gonçalves Nunes.

Por nos parecer ser o local mais favorável à detecção do nível de ocupação arqueológica, atendendo à proximidade de uma das sepulturas cartografadas com maior precisão⁶, decidimos concentrar, aqui, os nossos esforços. A abertura de doze quadrados (Y'0, Y'-1, C9, E4, E5, F4, F5, F8, F9, J7, O8, e P8) teve, pois, como finalidade obter dados para uma melhor contextualização cronológico-cultural do material exumado em 1929, assim como recolher elementos passíveis de contribuir para a reconstituição paleo-ambiental da época em que o homem pré-histórico ocupou este local.

- O Sector 2 foi aberto no quintal da casa nº 43 da avenida do Monte das Olas, pertencente a António Ferreira Reis. O terreno, com uma ligeira pendente, situa-se a cerca de 40 metros a E. do sector 1.

Os três quadrados abertos (D5, H5 e H6) destinavam-se a comprovar se tinha havido ocupação para esta vertente do outeiro, exposta a nascente e mais próxima de uma linha de água que desce do lado Norte.

- O Sector 3 foi intervencionado no interior de uma pequena propriedade, cerrada por muros de granito, pertencente à Sra. D. Graciosa Ferreira, com entrada pelo nº 12 da rua Grande. O terreno, bordejado por vinha de enforcado, com fruteiras variadas e utilizado para o cultivo de batata e cereais, situa-se a cerca de 55 metros para NNE. do sector 1.

Os dois quadrados abertos (A1 e B1) destinavam-se a comprovar se a ocupação do Monte da Ola se estendia até este local, atendendo à sua posição no enfiamento da área onde haviam ocorrido os achados de 1929.

⁵ A prospecção de campo alargou-se a estas áreas mas revelou-se infrutífera.

⁶ Segundo informação corroborada por diversas pessoas.

Os quadrados de 1 x 1m, foram integrados numa malha orientada ao Norte magnético.

O ponto "0" de topografia do sector 1 situa-se no rebordo do canteiro, no cunhal junto à eira, do quintal do Sr. José Augusto Ferreira Fernandes Reis.

A decapagem processou-se por camadas naturais.

Todos os perfis foram desenhados e fotografados.

Os fragmentos cerâmicos foram posicionados nas três variáveis, x, y e z.

Os sedimentos provenientes de uma lenticula designada de camada 1a (Quad. C9, O8 e P8) foram crivados a seco, com crivos de malha muito fina, com o objectivo de se recolherem ecofactos.

O material proveniente da escavação, depois de lavado e marcado, deu entrada no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

De uma amostra de ecofactos foram retirados carvões para datação radiométrica. Esta foi efectuada no Laboratório Beta Analytic Inc., de Miami (USA). Os restantes carvões foram enviados para análises de antracologia, a cargo de Isabel Figueiral, do Centre de Bio-Archéologie et de Biologie da Universidade de Montpellier II.

4. ESCAVAÇÃO

4.1. Sector 1

4.1.1. Estratigrafia

A estratigrafia deste sector apresenta-se distinta nos vários quadrados, motivo pelo qual será apresentada de forma parcial.

Estratigrafia dos quadrados Y'0 e Y'-1 (Fig. 6):

Camada 0 - Terra castanha escuro, homogénea, bastante arenosa, medianamente compacta, com raízes esparsas.

Camada 1 - Terra amarela, de grande compacidade, saibrenta. Apenas detectada nestes quadrados, corresponde a um nível de saibro, retirado da escavação de um poço que abastece de água a habitação, espalhado e compactado neste sector do quintal.

Camada 2 - Terra castanha acinzentada, heterogénea, de pouca compacidade, areno-limosa (mais arenosa que limosa), com muitas raízes, alguns calhaus de quartzo de pequeno e médio porte, plásticos, latas, ossos de animais e fragmentos de tijolo, telha e cerâmica de época contemporânea. Camada humosa.

Camada 3 - Terra castanha clara, de grande compacidade, arenosa. Camada pouco espessa, descontínua, circunscreve-se ao quadrante SSO. do quadrado Y'-1, devendo corresponder ao chão anterior à utilização do local como terreno agrícola.

Camada 4 - Terra castanha, heterogénea, com bolsas amarelas, areno-limosa, de mediana compacidade, com muitas raízes de videira. Estéril.

Camada 5 - Arena granítica.

Estratigrafia dos quadrados E4, E5, F4 e F5 (Fig. 7):

Camada 0 - Terra castanha escura, homogénea, de compacidade média, areno-limosa (mais arenosa que limosa), com raízes esparsas, carvões, fragmentos de vidro e de cerâmica de época contemporânea.

Camada 1 - Terra castanha, de matriz alaranjada, heterogénea, de compacidade reduzida, areno-limosa (mais arenosa que limosa), com calhaus de quartzo, de pequeno e médio porte, e alguns carvões dispersos. No quadrado F4, encontra-se um veio de quartzo com palhetas de mica branca de grande calibre.

Camada 2 - Arena granítica.

Estratigrafia dos quadrados C9, F8, F9, J7, O8 e P8 (Figs. 4, 5, 8 e 10):

Camada 0 - Terra castanha escura, homogénea, de pouca compacidade, areno-limosa (mais limosa que arenosa), com muitas raízes, alguns calhaus de quartzo de pequeno e médio porte e fragmentos de cerâmica de época contemporânea. Camada humosa bastante espessa.

Camada 1 – Terra castanha, heterogénea, de compacidade média, areno-limosa, com algumas raízes, calhaus de pequeno e médio porte e carvões raros.

Camada 1a - Camada onde se inscreve o nível arqueológico, materializado numa lenticula mais escura e compacta que a anterior, apenas perceptível nos quadrados C9, O8 e P8. Desenvolve-se entre as cotas -128/-134, no quadrado C9, e -144/-154, nos quadrados O8 e P8.

Camada 2 – Arena granítica.

4.1.2. Estruturas

Na camada 1 dos quadrados O8 e P8 foi aberta uma vala (fossa 1) para enterramento de um animal (Fig. 9).

Na camada 1 do quadrado Y'0 abriu-se uma vala, quadrangular, para colocação de um esteio de vinha e no quadrado Y'-1, na mesma camada, uma fossa de contorno circular para plantio de vinha.

Na camada 1a não foram detectadas estruturas.

4.1.3. Espólio

Cerâmico

A cerâmica pré-histórica, exumada na camada 1 e 1a, é de fabrico manual, cor castanha escura, pasta arenosa com desengordurantes de quartzo e de feldspato, apresentando, por vezes, alguma mica. As pastas são de textura mediana e grosseira e as cozeduras, redutoras, são de boa ou média qualidade. O acabamento é alisado, se bem que num exemplar a superfície esteja corroída. Dois fragmentos do quadrado C9 mostram acabamento polido. A cerâmica é lisa, com excepção de um dos exemplares que apresenta decoração plástica materializada em um mamilo de contorno ovalado (Fig. 14). Apenas o exemplar com decoração pertence a um bordo indeterminado.

Distribuição dos fragmentos encontrados nas camadas 1 e 1a:

NÚMERO	QUADRADO	COTA	OBS.
OLA03S1/C9(1)	C9	-128	Polido
OLA03S1/C9(1)	C9	-131	Alisado
OLA03S1/C9(1a)	C9	-134	Polido (bordo com mamilo)
OLA03S1/J7(1)	J7	-147	Alisado
OLA03S1/O8(1)	O8	-149	Corroído

Ecofactos

Apenas foram detectados carvões dispersos na camada. A crivagem não revelou sementes.

4.2. Sector 2

4.2.1. Estratigrafia

A estratigrafia deste sector apresentava as seguintes características (Figs. 11 e 12).

Camada 0 - Terra negra, heterogénea, de grande compacidade, muito limosa, com muitas raízes e carvões dispersos. Corresponde à camada humosa, muito espessa.

Camada 1 - Terra castanha escura, arenosa-limosa, algo compacta, com mistura de arena granítica. Estéril.

Camada 2 – Arena granítica.

4.2.2. Estruturas

Não foram detectadas quaisquer estruturas.

4.2.3. Espólio

Nos três quadrados escavados, apenas se exumaram, na camada 0, fragmentos de telha e de cerâmica de época contemporânea.

4.3. Sector 3

4.3.1. Estratigrafia

A estratigrafia deste sector apresenta as seguintes características (Fig. 13):

Camada 0 – Terra castanha, heterogénea, pouco compacta, areno-limosa, com muitas raízes. Camada humosa.

Camada 1 – Arena granítica.

4.3.2. Estruturas

Não foram detectadas quaisquer estruturas.

4.3.3. Espólio

Apenas ocorreram alguns fragmentos de cerâmica de época contemporânea.

5. DATAS DE RADIOCARBONO

Esta data resulta de carvões exumados da camada 1a do quadrado C9, Sector 1. A curva de calibração usada foi a de M Stuiver *et alii* (1998).

Ref. Laboratório	Proveniência	Data BP	Cal. BC (1 sigma)	Cal. BC (2 sigma)
Beta-188258	MTO/03-QC9C1	2890±40	1120-1000	1205-940

Como se pode verificar pelo resultado da amostra Beta – 188258, teria existido no Monte da Ola uma ocupação entre os finais do séc. XIII e os meados do séc. X AC. Esta data afigura-se-nos aceitável para o contexto que se pretende datar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as escavações não tenham revelado quaisquer estruturas de enterramento, os diversos testemunhos orais recolhidos parece não deixarem dúvidas quanto à existência, neste local, de uma necrópole de inumação, com diversas sepulturas de planta rectangular estruturadas e tapadas com lajes de xisto, contendo, cada uma delas, um pequeno recipiente de cerâmica, no seu interior. Assim, é possível que o nível de ocupação/abandono, detectado nos quadrados C9, O8 e P8, se possa relacionar com a utilização da necrópole descoberta nos finais da década de 1920.

Em relação à hipótese de trabalho, previamente colocada, de que o povoado, ocupado pela comunidade que utilizou a necrópole, poderia estar na envolvente, não pôde ser confirmada, face aos resultados das escavações dos sectores 2 e 3.

Sepulturas planas, de forma rectangular, revestidas de lajes e sem *tumulus*, com vasos de largo bordo horizontal são conhecidas, essencialmente, no litoral. Entre estas destacamos as do Alto da Vela/Gulpilhares (Vila Nova de Gaia) (FORTES 1909; SILVA & GOMES 1993: 256, 268), as de Belinho (Esposende) e as de Agra de Antas (Esposende) (ATAÍDE & TEIXEIRA 1940), datadas de 1400-1120 AC (95.4%), segundo a média ponderada de duas datas de radiocarbono (CRUZ & GONÇALVES 1998-1999: 7; BETTENCOURT 1999, 2003).

Tendo em consideração as referências cronológicas disponíveis para Agra de Antas e relevando as características da necrópole e do espólio do Monte da Ola admitimos a sua integração no II milénio AC, mais concretamente, entre os finais do séc. XIII e os meados do séc. XI AC.

BIBLIOGRAFIA

- ATAÍDE, A. & TEIXEIRA, C. (1940). A necrópole e o esqueleto de S. Paio de Antas e o problema dos vasos de largo bordo horizontal, *Actas do 1º Congresso do Mundo Português*, Lisboa, pp. 669-692.
- BETTENCOURT, A.M. S. (1999). *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, na área de Pré-História e História Antiga – policopiada).
- BETTENCOURT, A.M. S. (2003). Plant and animal husbandry in the second millennium BC in Northern Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, 5, ADECAP, pp. 199-202.
- BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES, Sumário das Actas da Secção de Arqueologia Pré-histórica, vol. I (3), 1932, Lisboa, pp. 51-52.
- CRUZ, D. J. & GONÇALVES, A.A.H.B. (1998-1999). A necrópole de “Agra de Antas” (S. Paio de Antas, Esposende, Braga), *Portugália*, Nova Série, vol. XIX-XX, Porto, pp. 5-27.
- FERREIRA, O. V. (1971). Algumas considerações sobre Portugal, *Arqueologia e História*, 3, Lisboa, pp. 9-20.
- FORTES, J. (1909). Gaya no passado, *Mea Villa de Gaya*, Ed. Guia Ilustrado de Portugal, Porto, pp. 9-28.
- PAÇO, A. (1933). Vaso de bordo horizontal, de Vila Fria, *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, pp. 272-276.
- SILVA, A. C. F. & GOMES M. V. (1993). *Proto-História de Portugal*, Ed. Universidade Aberta - 57, Lisboa.
- SOEIRO, T. (1988). A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende, *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura – 1985. Arqueologia*, vol. II, Esposende, pp. 35-62.
- SOUSA, O. (1989). Relatório da escavação de emergência na mamoa de Vila Fria – Viana do Castelo, *Cadernos Vianenses*, 11, Viana do Castelo, pp. 111-116.
- STUIVER, M.; REIMER, P.J.; BARD, E.; BECK, J.W.; BURR, G.S.; HUGHEN, K.A.; KROMER, B.; CORMAC, G.Mc; VAN DER PLICHT, J. & SPURK, M. (1998). INTCAL 98 Radiocarbon Age Calibration, 24000 – 0 cal BP, *Radiocarbon*, 40 (3), pp. 1041-1084.

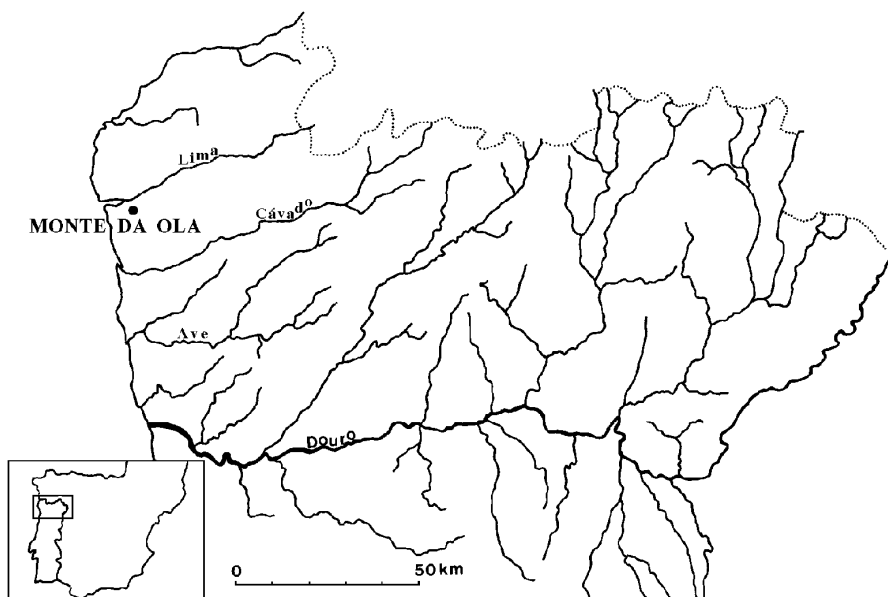


Fig. 1 – Localização do Monte da Ola na Península Ibérica e Norte de Portugal.

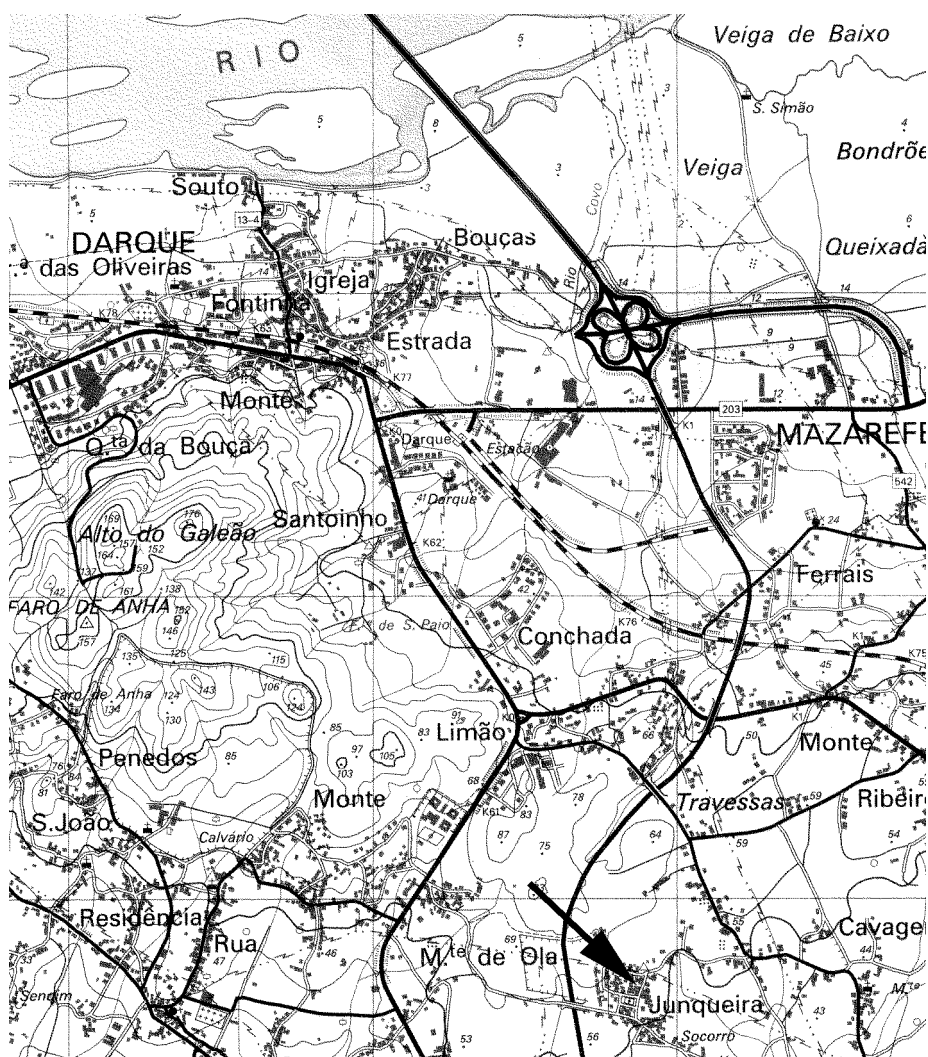


Fig. 2 – Localização do Monte da Ola na C.M.P., esc. 1:25 000.

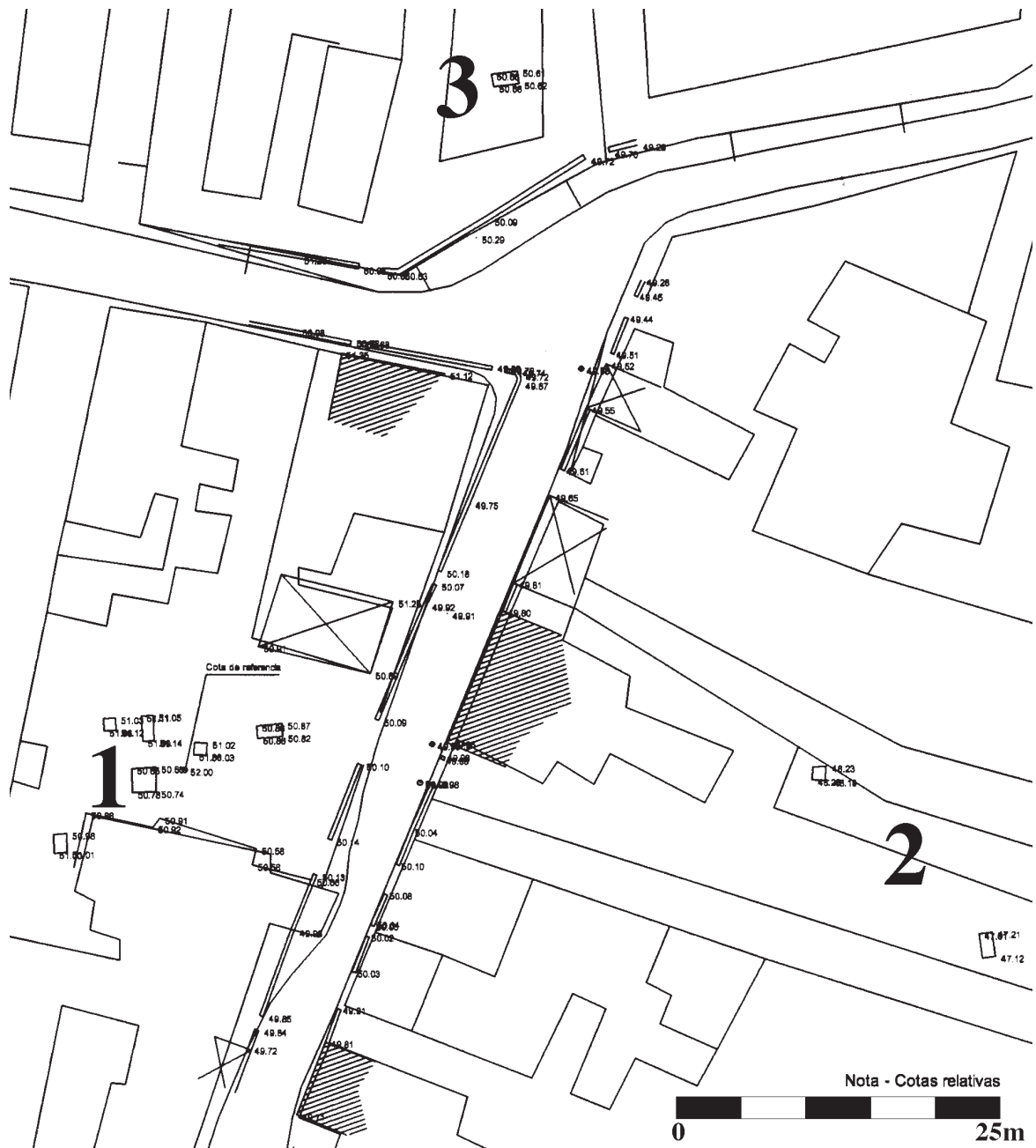


Fig. 3 – Levantamento topográfico do Monte da Ola. Os números situam os sectores intervencionados.

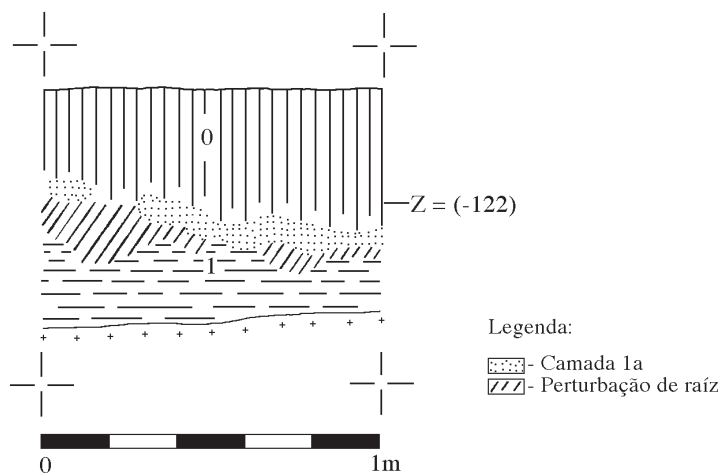


Fig. 4 – Sector 1, quadrado C9. Perfil Norte.

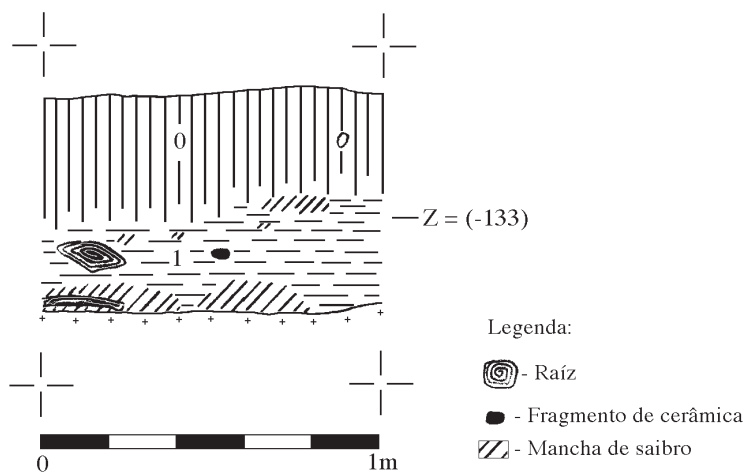


Fig. 5 – Sector 1, quadrado J7. Perfil Sul.

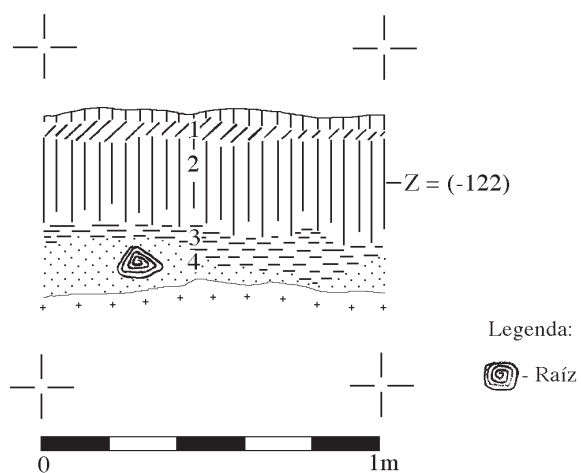
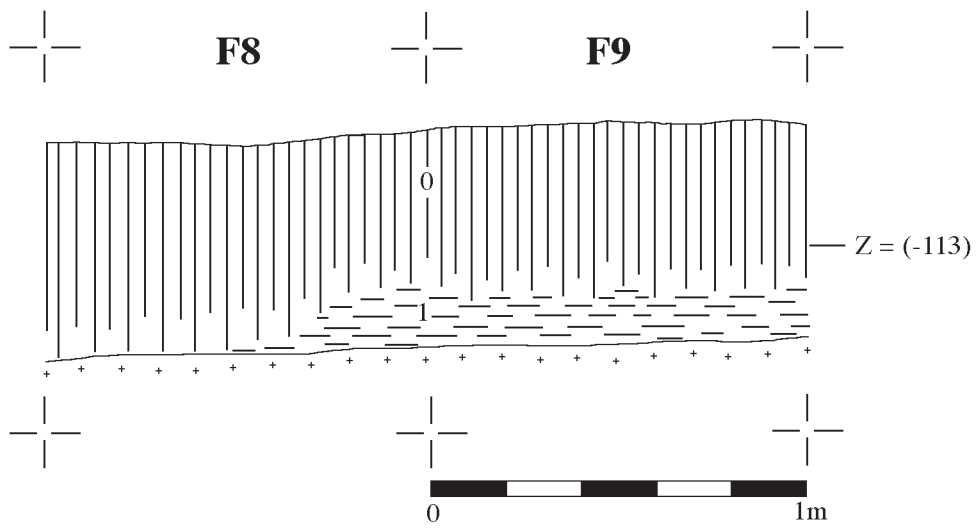
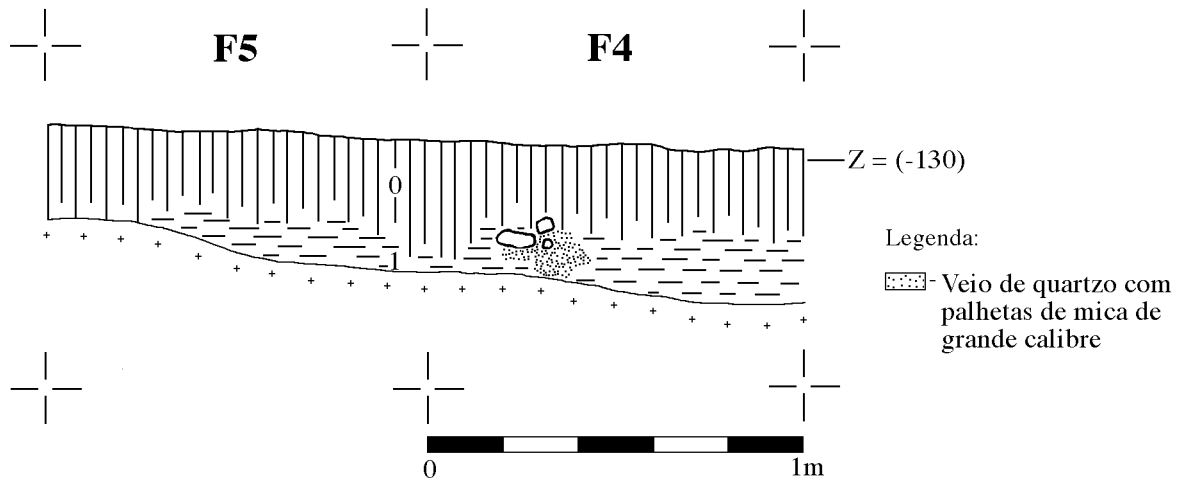


Fig. 6 – Sector 1, quadrado Y'-1. Perfil Sul.



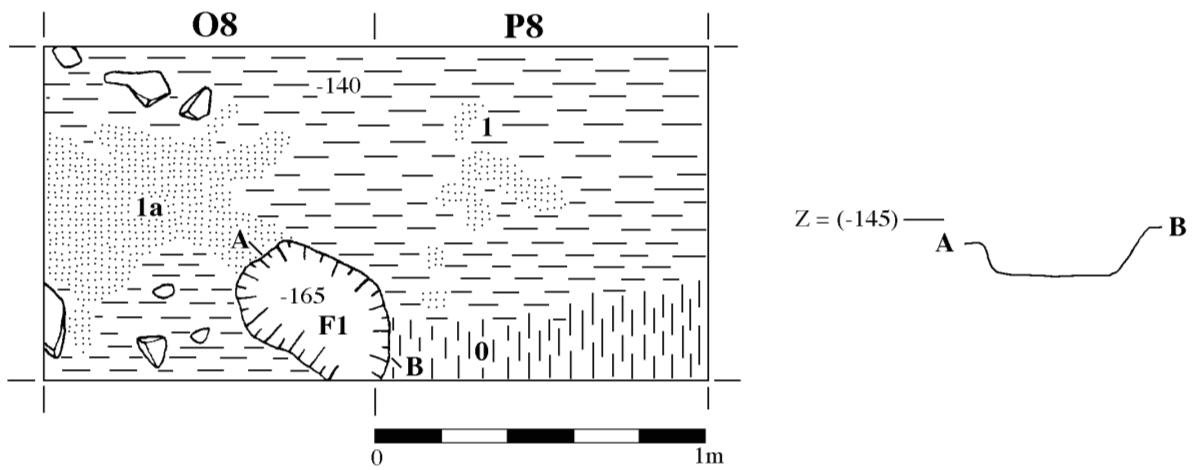


Fig. 9 – Sector 1, quadrados O8, P8. Plano e secção da fossa 1.

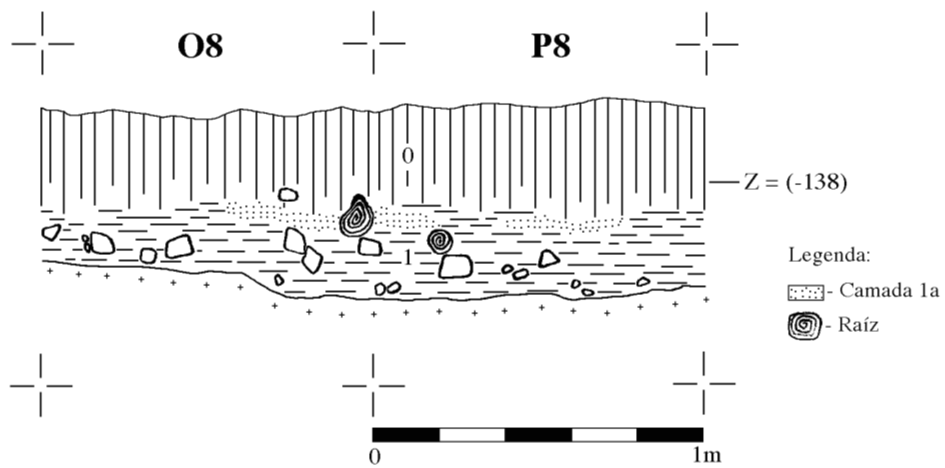


Fig. 10 – Sector 1, quadrados O8, P8. Perfil Norte.

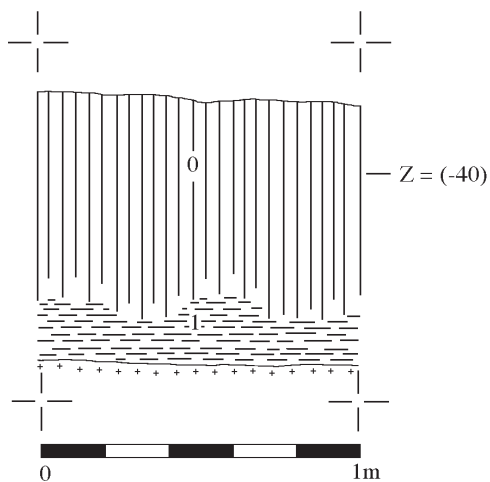


Fig. 11 – Sector 2, quadrado D5. Perfil Norte.

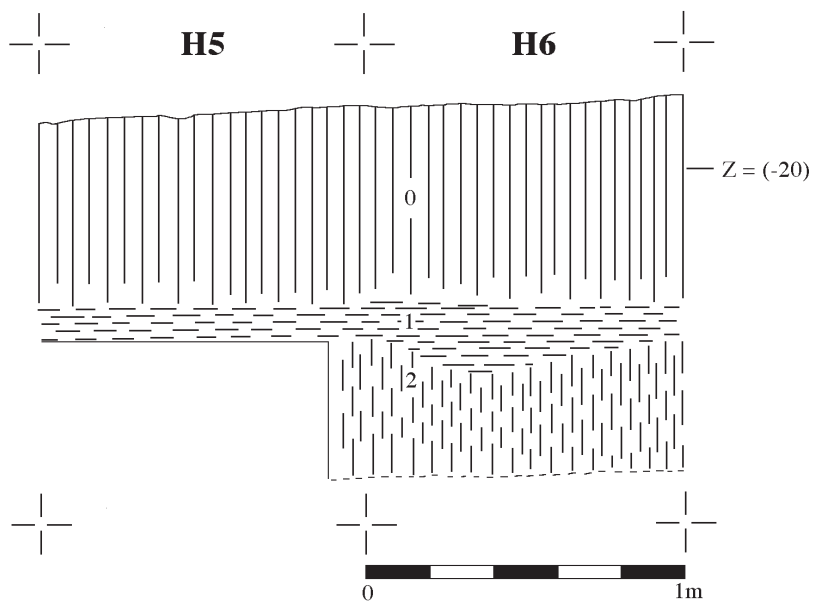


Fig. 12 – Sector 2, quadrados H5, H6. Perfil Oeste.

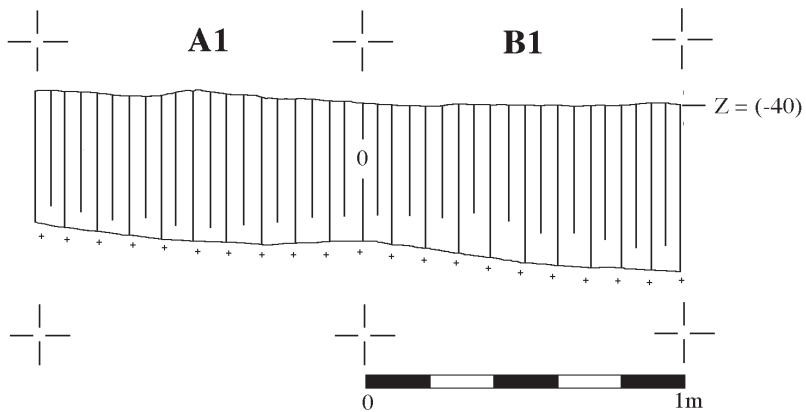


Fig. 13 – Sector 3, quadrados A1, B1. Perfil Norte.

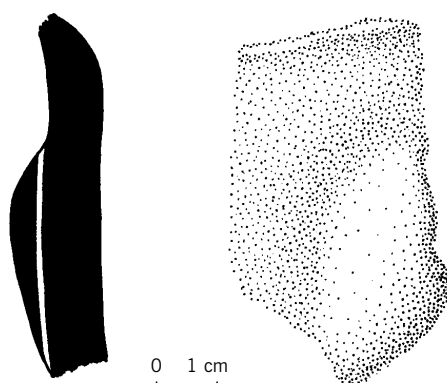


Fig. 14 – Fragmento de bordo com lábio fracturado, encontrado no quadrado C9. Possui decoração plástica em forma de mamilo oval, disposto obliquamente (desenho de Dores Pires).

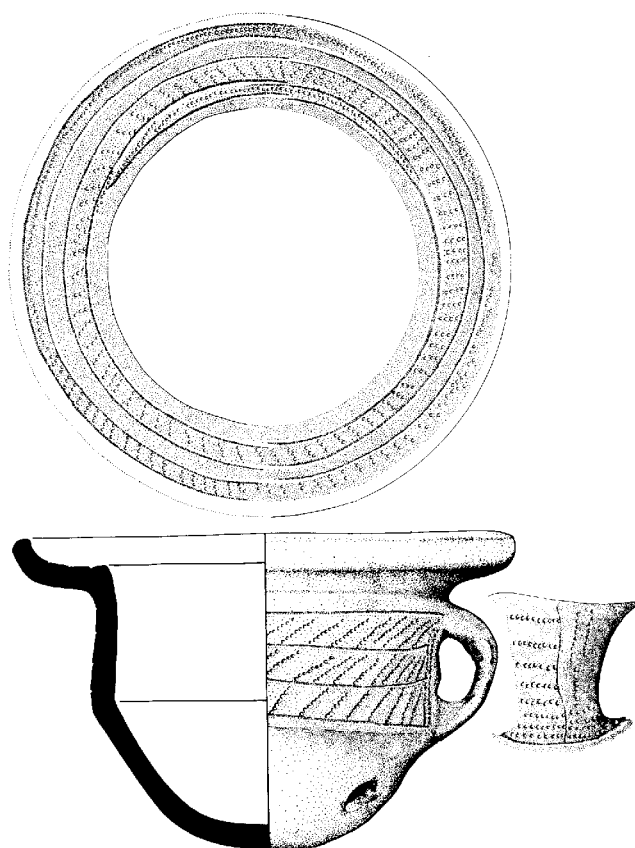


Fig. 15 – Vaso do Monte da Ola – Museu Municipal de Viana do Castelo (Soeiro, 1988: Fig. XII). Esc. 1:3.



Fig. 16 – Vista poente do Monte da Ola. A seta aponta a área dos achados arqueológicos.



Fig. 17 – Vista geral do sector 1, antes da escavação. A seta aponta o local do quadrado C9.